JUVENTUDE PERDIDA: METAL, CONSERVADORISMO E PRECONCEITO NA DÉCADA DE 1980

LOSTYOUTH: METAL, CONSERVATISM ANDPREJUDICEIN DECADE OF 1980

Reubert Marques Pacheco[1]
Márcia Pereira dos Santos[2]

RESUMO

O presente trabalho tentará analisar o contexto de origem e de expansão do Heavy Metal para o mundo (1970–1980), buscando entender os motivos pelos quais este estilo musical tornou-se tão odiado pelos conservadores, principalmente nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, tornou-se uma válvula de escape para os anseios, medos e expectativas de algumas gerações. Para analisarmos tais questões e, partindo de uma abordagem cultural da história, serão analisados materiais fotográficos, videoclipes, músicas e letras de músicas. Temos por hipótese inicial de pesquisa a percepção de que não são apenas as músicas gravadas que enfurecem os conservadores, mas, em alguns casos, a própria estrutura de um show, o comportamento dos artistas em cima do palco ou fora dele, são motivos para que um determinado grupo social repudie o metal.

Palavras-chaves: Heavy Metal, juventude, conservadorismo.

[1] Granduando em História pela Universidade Federal de Goiás, Catalão desenvolve pesquisa sobre o Heavy Metal. É bolsista PIBID/UFG/CAC. E-mail: hellbert.guitar.metal@gmail.com

[2] Professora Adjunta III do Curso de História da UFG/Campus Catalão desde 1998. É doutora em História pela UNESP/Franca (2007). Tem orientado pesquisas sobre as temáticas: cultura, história cultural, cultura popular rural, religiosidade popular, literatura goiana, Santo Antônio e ensino de História. É membro da Società di Studi Francescani, Assisi – Itália e membro do Grupo de Pesquisa NIESC – Núcleo Interdisciplinas de Estudos e Pesquisas Culturais (CNPq). É coordenadora de área de História do PIBID/UFG / CAC. E-mail: marciasantoss@gmail.com

ABSTRACT

This paper attempts to analyze the context of origin and expansion of Heavy Metal to the world (1970-1980), intending to understand the reasons why this musical style became so hated by conservators, especially in the United States and, at the same time, became an outlet for the aspirations, fears and expectations of a few generations. To analyze such questions and departing from a perspective of the Cultural History, will be analyzed photographic materials, video clips, music and lyrics. We have an initial hypotetical thought that, not only are the songs recorded hated by conservators, but in some cases the actual structure of a show, the behavior of the artists on stage or off, are reasons why a particular social group repudiate the metal as well.

Key-words: Heavy Metal, youth, conservators

Entendemos que as músicas não estão soltas no tempo e espaço, pelo contrário, em várias canções é possível analisar as mudanças que cada sociedade passava no momento no qual aquela música foi criada ou ganhou/perdeu destaque. Em determinados períodos uma canção pode assumir um caráter de protesto, ou de subversão, um hino do povo, ou ainda, os sentimentos aos quais grupos de pessoas se identificaram ao ouvir. Entendemos que a música é um monumento de um período.

Como nos diz Le Goff no seu texto "Documento e monumento", entendemos a música como um monumento do passado, pois "O *monumentum é* um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos." (1990, p. 462). O autor nos alerta no decorrer do texto que este monumento, este documento, é uma construção com sentidos, significados, intencionalidades e necessidades de cada sociedade.

As fontes audiovisuais nos dão acesso a interpretações ou representações do passado. Para tanto, entender como são produzidas, como aparecem e como a sociedade recebe tais produções são algumas das medidas necessárias para analisar e fugir das armadilhas que cada uma destas fontes traz. E o uso das mesmas como fonte é, também, parte de uma nova abordagem historiográfica para entendermos o mundo contempo-

râneo no qual a utilização de músicas, filmes, fotografias e demais fontes fazem parte, cada vez mais, do dia a dia das pessoas comuns e do ofício do historiador.

Assim como com outras fontes historiográficas, os cuidados ao lidar com este tipo de documentação acabam sendo os mesmos, como por exemplo, perceber a subjetividade e as múltiplas interpretações que uma canção pode trazer. No caso da música, devido a sua linguagem poética, inúmeras e diversificadas interpretações podem surgir de uma mesma letra, colocando o pesquisador em situação delicada. Marcos Napolitano aponta essas problemáticas acerca da forma como a historiografia lida com as fontes musicais, partituras, letras entre outros. Ele destaca o papel melindroso que o historiador deve ter para não distorcer totalmente o significado de uma canção, principalmente no que se refere às músicas populares.

> No caso da música popular, uma mesma canção assume significados culturais e efeitos estético-ideológicos diferenciados, dependendo do suporte analisado: sua partitura original (que muitas vezes nem existe como documento primário, sendo transcrição posterior ao fonograma), seus registros em fonograma e suas performances registradas em vídeo. (NAPOLITANO, 2006, p. 255)

Em alguns estilos musicais a letra seria o fator de menor importância durante a execução da música, pois na melodia é que estaria o foco e a mensagem que esta quer passar. Os instrumentos e as melodias das canções assumiriam também um caráter de transmissor de mensagem quando estes simulam sons de alguns objetos em determinada parte da música, se estes são executados de maneira mais veloz ou lenta em alguns trechos, de forma mais suave ou agressiva, festivo ou obscuro, dentre outros.

Debater estes pontos é importante pelo fato da própria musicalidade Heavy Metal não estar solta no tempo e espaço ou totalmente alheia ao contexto histórico. Pelo contrário, inúmeras canções deste estilo fizeram críticas ferrenhas à política de países, guerras e ao comportamento da sociedade segundo seus valores morais e éticos. A título de exemplo, seria imprudente para um historiador que irá analisar a MPB da década de 1970, não analisar o contexto do Regime Militar e os impactos deste na própria música MPB. Ou também, seria imprudente analisar as canções dos primeiros álbuns do Iron Maiden sem analisar o

contexto ali vigente que seria durante o mandato da primeira ministra britânica Margareth Tatcher, pois a banda em diversas passagens critica o governo da primeira ministra.

Trouxemos aqui uma prévia das discussões elaboradas ao longo do nosso trabalho monográfico referente a musicalidade Heavy Metal para situar o leitor nos conceitos teóricos que embasam nossa pesquisa historiográfica. Isso porque entendemos o Heavy Metal não como uma simples forma de se fazer música, alheia aos acontecimentos a sua volta, pelo contrário, o Metal carrega em sua musicalidade diversas abordagens sobre o social, o cultural, político e outras dimensões da vida humana, assumindo um tom que se poderia definir como agressivo.

Visamos problematizar neste trabalho a questão do preconceito contra o Metal. Analisaremos o contexto de origem do Rock n' Roll e as questões que este colocava para a sociedade. Posteriormente, propomos refletir sobre como que o Heavy Metal se apropria e elabora tais questões para a sociedade. Sabemos que o mundo passou por profundas transformações políticas e sociais durante a Guerra Fria que veio a se encerrar no final da década de 1980. Sabemos, ainda, que outras bandas já faziam este papel de contestação da sociedade, mas o Metal tornou-se peculiar pela intensidade das críticas que fez e recebeu.

Partimos das seguintes problemáticas: o Metal seria como uma válvula de escape para a juventude que já vinha de uma trajetória conturbada devido a Guerra Fria? Como essas mudanças são apropriadas e representadas pelo Metal? E a sociedade, como recebe essa carga de contestação? O que fez com que o Metal se tornasse um dos estilos mais odiados entre os conservadores e mais amado entre os chamados "radicais"?

Essa vertente do Rock n' Roll surgiu na Inglaterra na década de 1970 e durante os últimos 40 anos passou por grandes transformações se ramificando em diversos outros subgêneros, expandindo-se pelo mundo, lotando estádios e levantando dezenas de polêmicas. Definimos o Heavy Metal como sendo, em um primeiro momento, uma subdivisão do Rock n' Roll, tendo suas origens na Inglaterra com as bandas Deep Purple, Black Sabbath e Led Zeppelin. Embora existam controvérsias entre os fãs, jornalistas e alguns estudiosos sobre o tema é comum encontrar relatos sobre a origem do Metal ligada principalmente a estas

bandas. Criou-se essa ideia devido às inovações que elas proporcionaram na música rock feita até então. Os sons das guitarras ficaram mais distorcidos e acelerados, as batidas da bateria mais rápidas, o vocal mais gritado e as letras mais provocantes.

No segundo momento, temos o ápice do Heavy Metal durante a década de 1980. Nesse momento o Heavy Metal começou a se subdividir em diversos outros gêneros, cada estilo com músicas e comportamentos diferentes. A primeira divisão que daria força e nome ao Heavy Metal aconteceu na Grã-Bretanha com a "*New Wave of British Heavy Metal*" ou NWOBHM. Essa divisão ocorreu quando começou a aparecer tanto no *underground* quanto na mídia diversas bandas de Heavy Metal no Reino Unido. A sonoridade produzida por Black Sabbath, Deep Purple e Led Zeppelin tinham influências marcantes do blues e do jazz em suas composições, mas as novas bandas começaram a acelerar ainda mais a forma de se fazer música. Muitas bandas utilizariam, a partir daí, dois guitarristas, sendo um solista e um harmônico como foi o caso do Judas Priest. Com o Motörhead, têm-se o uso do pedal duplo na bateria que ajuda a acelerar as batidas de marcação de tempo no bumbo dando mais velocidade à música; e os vocalistas cantam em tons mais agudos.

Curiosamente o Heavy Metal havia ganhado força na Inglaterra num período chave, 1980. Foi durante o mandato da primeira-ministra inglesa Margareth Tatcher que sofria repúdio por parte da população, cada vez mais revoltosa com sua política que levou o Reino Unido a uma grave crise econômica. Este período ecoou também no metal. A banda Iron Maiden nos seus primeiros álbuns fazia uma crítica fervorosa à primeira ministra em suas letras e nas capas dos primeiros álbuns e *singles* que mostrava o mascote da banda, Eddie, assassinando a primeira ministra ou fugindo da mesma que se trajava como uma fascista. Neste período, a musicalidade Metal adquiriu mais rapidez no executar de cada instrumento, sendo cada vez mais agressivo e com letras mais "polêmicas" do que aquelas da década de 1970.

Esse movimento musical foi um marco importantíssimo no Metal, pois reafirmou e renovou o gênero que sofria pressão por parte do movimento punk na década de 1970, que ganhava força tanto no *underground* inglês quanto na mídia. Vale ressaltar que a NWOBHM não foi um movimento unicamente in-

glês, na verdade essa "Nova Onda do Heavy Metal Britânico" aconteceu em grande parte da Europa. A NWOBHM de certa forma colocou o Heavy Metal em evidência, trazendo também inovações que deram mais peso, velocidade, criatividade e agressividade para a música. Nesse novo movimento musical se destacaram as bandas Iron Maiden, Saxon, Def Leppard, Diamond Head, Judas Priest, Motörhead, Venom (essa banda irá influenciar outra subdivisão no Heavy Metal, o chamado Black Metal) entre outras.

Também ocorreram outras divisões em diversas partes do mundo, mas principalmente nos Estados Unidos e países da Europa como Suécia, Noruega e Alemanha. Surge então o Thrash Metal, Speed Metal, Power Metal, Death Metal, Black Metal, Doom Metal entre vários outros.

Sobre esta temática temos algumas pesquisas que partem, principalmente, de jornalistas que escrevem para revistas especializadas e também livros sobre o Heavy Metal. Um destes estudos é o do jornalista Ian Christe (2010) que tenta fazer panorama sobre todas essas mudanças e traçar uma linha cronológica da história deste gênero musical. Ele trabalha desde os marcos de origem deste estilo até as atuais bandas de metal. Em cada capítulo o autor trata de um movimento específico, o define e traz as principais bandas que melhor o representa. Assim, segundo Christe:

> Nas três décadas que se seguiram, 100 milhões de ouvintes buscaram refúgio em sua reverberante explosão cultural, encontrando uma pureza livre de dúvidas insignificantes ou distrações. Do Sabbath veio o heavy metal, que duplicado em intensidade tornou-se o power metal e, distorcido, virou o thrash metal. Daí em diante, a música cruzou caminhos com outras formas para gerar o black metal, criar os inacreditáveis refinamentos do death metal e fundir-se com todos os outros tipos de música, tornando-se ela própria infinitamente renovada. (2010, p. 18).

Durante a segunda metade do século XX houve no mundo uma série de acontecimentos que impactaram profundamente a própria percepção de mundo das pessoas. Compreendida entre 1945 e 1989, a chamada Guerra Fria foi uma disputa ideológica entre os Estados Unidos capitalista e a União Soviética socialista. Este período trouxe uma série de movimentos de contestação dos direitos civis, dos direitos das mulheres, do direito a liberdade de expressão e do direito do

povo escolher não ser mais explorado pelo capital. É neste meio que o Heavy Metal surgiu, influenciou e foi influenciado pelos acontecimentos a sua volta.

Com o Heavy Metal houve muitas controvérsias, talvez vindas das influências dos outros estilos de rock que, uma década antes do surgimento do Heavy Metal, já criticavam os padrões da sociedade ocidental. Os movimentos da contracultura, os hippies, o hard rock e os punks já exerciam uma pressão na sociedade exigindo algumas mudanças nos padrões.

> Enquanto a juventude adotava o novo ritmo como sua marca registrada os adultos, principalmente das parcelas mais conservadoras da sociedade, a taxavam como causa de toda delinquência juvenil... apesar do exagero dos protestos, não estavam de todo errados, o gosto pelo rock era realmente parte do estilo das gangues juvenis. (WHIPLASH, 2011, p.1)

Alguns artistas dentro do rock preocupados com uma alienação da juventude e os rumos que a Guerra Fria estava tomando, queriam um mundo onde predominasse a paz, o amor e a liberdade de expressão. Nas suas letras eles buscaram trazer parte deste ideal de contestação e uma maior reflexão sobre o cotidiano. Este movimento ficou conhecido como Beatnik. "O Beat era caracterizado pela valorização da individualidade, do livre arbítrio, da experimentação e da mudança, em contradição à manutenção dos antigos valores considerados importantes pela burguesia." (WHIPLASH, 2011, p.1). Já percebemos neste momento da década de 1960 uma pressão da música rock por mudanças e contestações aos padrões do *American Way of Life* e do consumismo desregrado do capitalismo.

O rock canalizou todas essas energias conflitantes e as emitiu num novo modo de se fazer música. Várias bandas que surgiam na década de 1960 vinham com uma proposta diferente daquela dos anos 1950. O rock não é mais algo para simplesmente entreter os jovens, mas para conscientizá-los de tudo aquilo que estava ocorrendo ao seu redor. Mais do que isso, o rock sessentista buscou levar a ideia da liberdade aos extremos.

A ideia de luta e busca pela liberdade de expressão, de se libertar do *sistema* transcendia a música e se apresentava nas atitudes, vestimentas e concepções de mundo daquela juventude. Os jovens não mais usavam aquele visual "arrumadinho" igual os dos pais, eles agora usavam cabelos compridos, barbas compri-

das, roupas coloridas cheias de símbolos esotéricos, colares extravagantes e todo aquele traje do movimento hippie. Os hippies acreditavam na ideia da paz e amor livre, a não violência e a luta pacífica por um mundo mais igualitário.

> Baseados na agressão ao stablishment e na liberdade (sexual e de experimentação) herdada do pensamento beat, surgia nos Estados Unidos o movimento hippie, concentrado principalmente em San Francisco, e tendo como expoentes bandas como Gratefull Dead, Jefferson Airplane (claramente influenciadas por drogas) e The Doors (com seu primeiro single, Light My Fire) e artistas derivados da música folk como Janis Joplin. São marcos da época as flores no cabelo (daí o termo flower power), os cabelos longos e as comunidades alternativas. O símbolo de três pontas relacionado ao lema "paz e amor" foi tomado da sinalização militar que significava "cessar bombardeio". Nada mais adequado em época de Guerra do Vietnam. (ANDRADE, 2000, p. 1)

Inúmeras manifestações contrárias a Guerra do Vietnã foram articuladas pelos jovens hippies em várias partes dos Estados Unidos, mais marcadamente nos grandes centros universitários. Muitas destas manifestações sofriam com a dura repressão do Estado que temia que estes movimentos pudessem levar os Estados Unidos a uma revolução comunista.

Maciel, citado por Pereira (1986), traz em suas anotações sobre todo este movimento da contracultura nos Estados Unidos o caráter libertário da juventude sessentista. Esta, como já dito, usava de vários elementos contrários ao que estava estabelecido como o correto a se fazer para protestar e reivindicar direitos para aquela juventude insatisfeita com os rumos políticos e culturais do mundo.

> De um lado, o termo contracultura pode ser referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude de que falávamos anteriormente e que marcaram os anos 60: o movimento hippie, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante. E tudo isso levado à frente com um forte espírito de contestação, de insatisfação, de experiência, de busca de uma outra realidade, de um outro modo de vida. (MACIEL apud PEREIRA, 1986, p. 20)

Em contrapartida, os pais desses jovens não viam com bons olhos todas essas mudanças abruptas que ocorriam com seus filhos. Isso porque o Rock n' Roll não trouxe apenas um novo ritmo musical, mas toda uma carga ideológica própria e, dentro desta, estava a contestação do que estava posto. O choque de gerações ganhava contornos preocupantes para as alas mais conservadoras da sociedade, que via naquelas danças sensuais e provocantes uma afronta à moralidade e aos bons costumes. Não bastasse o discurso de demonização do rock, os discursos anticomunistas se aliaram aos discursos religiosos que entendiam o rock como uma tentativa da URSS de corromper a juventude e aliciá-las pela ideologias marxistas.

> Não por acaso, as instituições conservadoras da sociedade americana reagiram com truculência e desespero aos primeiros sinais impactantes desse ritmo. Em maio de 1956, Asa Carter, secretário e porta-voz do Conselho do Cidadão Branco do Norte do Alabama, assim se manifestava: "através do rock'n'roll, o homem branco se rebaixava a um nível inferior ao do homem negro. O rock'n'roll é parte integrante de um complô para solapar a moral da juventude do nosso país. Tem caráter sexual, imoral e é o melhor caminho para misturar ambas as raças." Não bastasse o inominável e preconceituoso comentário do Sr. Secretário Carter, teríamos ainda mais um tosco pronunciamento, desta vez do reverendo Albert Carter, da Igreja Pentecostal da Inglaterra: "o efeito que o rock'n'roll produz nos jovens é o de convertê-los em demonólatras, o de estimular sua expressividade através do sexo". (CALDAS, 2008, p. 33-34)

Nesta citação podemos perceber que não é apenas a música que incomodava as alas conservadoras. Talvez somente ela não tivesse todo este efeito. O que acontece é que na década de 1950 e 1960 vários grupos sociais começam campanhas políticas por direitos civis e entre eles estavam os negros. Estes após a independência foram largados à própria sorte pelo governo americano e se isso não bastasse, desde o fim do século XIX e início do XX, os negros americanos eram vítimas frequentes de ataques racistas efetuados pelos brancos. Uma das mais marcantes expressão disso é a criação da KluKluxKlan, um grupo político abertamente racista que perseguiu e matou muitos negros nos Estados Unidos.

O medo do Rock n' Roll como sendo "o melhor caminho para misturar ambas as raças", pode ser associado ao fato do ritmo mesclar a música e cultura negra com a música e cultura do branco americano. Não apenas pela origem, mas também por artistas como Chuck Berry, Little Richard e Fats Domino, que eram negros, dividirem as atenções dos jovens americanos junto com Elvis Presley, Jery Lee Lewis, Bill Haley e tantos outros. Declaradamente este tipo de "mistura" era inaceitável pelos conservadores e racistas estadunidenses, tratando assim o rock como uma ameaça a ser combatida tanto pelos pais quanto pelo próprio governo.

Ao analisarmos as lutas e movimentações que o rock estava envolvido e todas as críticas que ele recebeu ainda nas décadas de 1950, 1960 e 1970 notamos que as críticas que o próprio Heavy Metal recebia não eram algo novo. As propostas de mudança de concepção social, econômica, política e de organização social assumidas pelos artistas e fãs da música rock dos anos 1960 e 1970 trouxeram novos debates que incomodavam algumas camadas da sociedade. As acusações de satanismo e de perversão da juventude que já vinham sendo usadas para desmerecer a imagem do rock, era, além de uma tentativa de invalidar as manifestações dos jovens, uma medida de autopreservação. Mas com relação ao Metal, notamos num primeiro momento que as críticas se tornaram mais sistemáticas e geraram reações mais violentas por parte dos conservadores.

A musicalidade do Heavy Metal é agressiva, carregada, muitas vezes, de um forte teor de crítica contra a sociedade. As críticas não se centram somente no sexo ou no uso ideológico de entorpecentes, mas centram nos sentimentos extremos da nossa sociedade como o horror, a violência, a brutalidade do ser humano, nas guerras ou nas suas relações diárias com outros indivíduos e na religiosidade. Entendemos nesta musicalidade um processo remissivo às relações conturbadas entre os indivíduos que vivem nas grandes metrópoles e a insegurança cotidiana que experimentam. Muitos dos indivíduos que engrossaram as fileiras de fãs do Metal são oriundos das classes trabalhadoras suburbanas e, não raro, estão inseridos também em contextos de violência urbana. Isto acaba aparecendo no trabalho musical de muitas bandas de Heavy Metal que por meio de suas composições tentam expor o medo, a angústia e a crueldade do ser humano contra outro ser humano.

Além de casos de agressão e violência contra fãs de Metal, o preconceito ou o não entendimento de tal musicalidade, resultou em ações públicas contrárias ao movimento como foi o caso, em 1985, do *Parents Music Resource Center* (PMRC) nos EUA.

A PMRC atribuía ao Rock o aumento das taxas de estupro e suicídio. Argumentavam que há uma estreita ligação entre o conteúdo das músicas e o suicídio de jovens. Para provar isso, usaram as músicas "Suicide Solution", de Ozzy Osbourne, "Don't fear-thereaper", do Blue Oyster Cult e "ShoottoThrill", do AC/DC.(WHIPLASH, 2011, p. 1)

Algumas bandas sofreram processos, pois o PMRC entendeu que as letras continham mensagens subliminares satânicas ou que atentassem de alguma forma contra a moral e os bons costumes da sociedade, incentivando os jovens à promiscuidade e à demonolatria. Além das letras, os acusadores entendiam que as posturas dos artistas dentro e fora dos palcos passava uma imagem que também agredia a moral, a sociedade e, ainda, influenciaria os jovens a usarem drogas e cometer delitos.

> Também era dito que a influência do rock nos jovens se dava pela decadência da família nuclear (família tradicional, composta por pai, mãe e filhos), que abalava a imunidade das crianças e adolescentes às influências externas. (WHIPLASH, 2011, p. 1)

Bandas como Judas Priest, AC/DC, Def Leppard, Mercyful Fate, Black Sabbath e Venom que não eram americanas tiveram que responder a processos nos EUA por suas letras conterem ocultismo, sexo, violência, alusão ao consumo de drogas e alcoolismo. Outros artistas ligados ao rock ou ao pop também sofreram pressão deste grupo de mulheres de senadores americanos, chegando a uma verdadeira caça às bruxas, pois pais e membros de organizações conservadoras, preocupados com os filhos, compraram discos, camisetas, ingressos de shows e revistas especializadas em rock para queimar num ato simbólico na "Cruzada contra Satã".

Entretanto, mesmo com os atos públicos, os julgamentos e a pressão na mídia para banir tal tipo de música da sociedade norte-americana, o PMRC acabou sendo derrotado judicialmente, pois como os artistas, os advogados e as grandes empresas fonográficas alegaram a música é subjetiva e devido a este

caráter qualquer interpretação pode surgir a partir da mesma. O resultado do movimento foi a criação do famoso selo "Advisory" que teria como objetivo avisar aos pais o conteúdo dos álbuns lançados por esses e demais artistas do mundo todo.

O PMRC foi uma entre várias outras ações de grupos religiosos e conservadores que temiam a musicalidade Heavy Metal. Embora seja difícil lidar com o que cada indivíduo pense a respeito da proposta apresentada pelo Metal – pois seria necessário entrevistar cada um dos cidadãos para saber o que ele pensa sobre determinado tema, ou seja, inviável –, tais ações organizadas nos mostram uma parte das disputas de poder entre certa musicalidade e a moralidade de determinada sociedade. Tais disputas aparecem quando tanto o rock quanto metal questionam certos posicionamentos tabus e a parcela conservadora da sociedade reage organizando movimentos para tentar banir tal musicalidade ou, até mesmo, silenciar tais tipos de questionamento.

Isso nos mostra o quão é difícil para a maioria das pessoas lidar com certas questões, como por exemplo, as escolhas musicais, ou ainda, a sexualidade de seus filhos, ou mesmo os espaços sociais ocupados pelo homem, pela mulher ou pelo homossexual. A própria realidade é questionada pelos roqueiros quando estes tentam escapar daquilo que está sendo proposto, fazendo, nesse sentido, o uso abusivo de entorpecentes, pois tais jovens cansados de uma realidade coercitiva e violenta, buscam nas drogas uma fuga para essa realidade e, ao mesmo tempo, fazem o uso ideológico das mesmas também como forma de propor uma nova sociedade, na qual as pessoas são livres para pensar e ser o que quiserem. A própria moral e os valores religiosos do cristianismo são constantemente abordados por diversas bandas, que ao usarem o principal rival de Deus, o Diabo, questionam até onde o ser humano é livre filosoficamente ou, como esse sujeito que se identifica com certa religião enxerga o outro, o diferente, aquele que não se enquadra em determinados valores morais.

Estas são algumas questões que propomos analisar com mais detalhes dentro da pesquisa monográfica. Vemos como são vastas as questões que permeiam a musicalidade Heavy Metal, percebendo como um estilo musical pode provocar discussões sobre a nossa própria condição humana e o nosso relacionar com o próximo.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, João Paulo. *História do Rock:* dos primórdios aos anos 70. In. Portal Whiplash. 2000. Disponível em: http://whiplash.net/materias/biografias/000080.html. Acesso em 20/08/11.

CALDAS, Waldenyr. *A cultura da juventude de 1950 a 1970*. São Paulo: Musa Editora, 2008.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. *Trevas sobre a luz:* O underground do heavy metal extremo no Brasil**.** São. Paulo: Editora Alameda, 2010.

CHRISTE, Ian. *Heavy Metal* – A história completa**.** Tradução: Milena Duarte e Augusto Zantoz. São Paulo: Arx Saraiva, 2010.

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: *História e Memória.* Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. pp. 462-473.

LEÃO, Tom. *Heavy Metal:* Guitarras em Fúria. São Paulo: Ed. 34. 1997.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In. PYNSKY, C.(org). *Fontes Históricas.* 2. Ed. São Paulo: Contexto: 2006. pp. 236-289.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura?* 4ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1986

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário". In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Revista Brasileira de História.* v. 15, n° 29. São Paulo. 1995

WHIPLASH. http://whiplash.net/indices/historia.html . Acesso em 05/09/2011.

Artigo recebido em 11 de setembro de 2011
e aceito em 30 de novembro de 2011